

## 16. Castidade e estabilidade

Muitas vezes, quem está em crise com o seu marido ou esposa, pensa que outra pessoa seria o cônjuge ideal. Mas a outra pessoa terá também a limitação que o seu cônjuge tem: a de não ser Jesus Cristo, o Esposo pelo qual o nosso coração foi feito. Não serve a nada mudar de marido, como a Samaritana que mudou cinco vezes, sem estar satisfeita nem com o sexto homem. Somente encontrando Jesus, no poço de Jacó, a Samaritana encontrou a água viva capaz de satisfazer a sede infinita de amor do seu coração ou, se preferir, a sede de amor infinito do seu coração (cf. Jo 4).

Aqueles que mudam constantemente de comunidade cometem o mesmo erro. O erro de pensar que precisamos de outra coisa que não seja Cristo, de acreditar que a nossa vida pode encontrar realização sem a Sua vinda, a Sua presença, o Seu amor, a vida que Ele nos dá. Ao invés, quem tem esta consciência, compreende que desejar Cristo preenche até o marido insensível ou a esposa chata, ou a comunidade cheia de defeitos, de mesquinhez ou o superior cheio de limitações.

Compreendemos que para viver uma verdadeira castidade, toda voltada a Cristo, seja no matrimônio como na vida consagrada, precisamos antes de mais nada de fé, de fé na presença objetiva e real do Senhor, dentro da nossa vocação. É preciso fé para acreditar que Jesus nos chamou a seguir um caminho, a viver em uma determinada comunidade, a nos unir sacramentalmente com uma mulher ou um homem para formar uma família, significa que é lá que Ele nos pede e nos concede ser o nosso Esposo, aquele que enche o nosso coração.

Para cada um de nós, a vinda escatológica do Senhor Jesus, começa no alvorecer da nossa comunidade, da nossa família, da vocação e da missão que nos foi confiada. Se Jesus nos pediu para segui-lo assim, com estas pessoas, isto significa que foi lá e só lá, que Ele quer vir, continuamente, para dar realização a nossa vida, contra todas as aparências ou todas as evidências contrárias que nos fazem sofrer.

Por isso, não devemos pensar muito na castidade em nós, olhando para nós mesmos, o nosso coração, corpo, sentimentos e emoções. São Bento nos pede para pensar na castidade, olhando para os irmãos ou irmãs da nossa comunidade, olhando o nosso abade. No Capítulo 72 da Regra transparece esta consciência: "Há um bom zelo que afasta dos vícios e conduz a Deus e à vida eterna. Que os monges exerçam este zelo com ferventíssimo amor, isto é, que se horem mutuamente; que suportem as suas enfermidades físicas e morais com grande paciência; rivalizem em prestar mutua obediência; que ninguém procure o próprio interesse, mas o do outro; que se dediquem castamente à caridade fraterna; que temam a Deus com amor; que amem o seu abade com caridade sincera e humilde" (RB 72,2-10)

Existe uma castidade que só se torna real dentro da estabilidade de uma comunidade, dentro de uma família concreta de irmãos, com um pai ou uma mãe, que é o superior eleito.

A comunidade para São Bento é um lugar de relações vivificadas pela caridade, pelo amor de Deus que Cristo nos comunica no dom do Espírito Santo. A comunidade na qual somos chamados a pertencer com o voto de estabilidade, é o corpo de Cristo

do qual somos membros. Por esta razão, a comunidade tem uma estrutura sólida e bem definida, como o esqueleto do nosso corpo. Mas o esqueleto não é suficiente para formar um corpo vivo. É preciso carne, nervos, e todos os órgãos, é preciso uma alma que coloca tudo em relação: a alma da caridade fraterna e filial de Jesus Cristo. A caridade não vive fora do corpo, não é um espírito abstrato. A caridade é a vida do corpo eclesial de Cristo. Por isso, a caridade não despreza todas as fragilidades do corpo de carne, no qual somos inseridos pela nossa vocação, a viver em Cristo. Pelo contrário: a caridade é um fogo que cada fragilidade e dificuldade torna mais ardente.

A estabilidade numa comunidade não é uma escolha de conforto, como fechar-se num quarto de hotel para evitar todos os problemas que os outros nos possam trazer. A estabilidade não se subtrai do caminho que segue Jesus, e Jesus, nós sabemos, não quer nos levar a viver no conforto: «Enquanto caminhavam pelo caminho, um homem disse-lhe: «"Seguir-te-ei para onde quer que vás". E Jesus respondeu-lhe: "As raposas têm os seus covis e as aves do ar os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça".» (Lc 9,57-58)

Mas o caminho que continua também para aqueles chamados à estabilidade da clausura monástica, não é um movimento físico, geográfico: é a solicitude da caridade. Jesus não tem onde pôr a cabeça, isto é, não tem descanso, não porque se agita e corre, mas porque o seu coração não perde oportunidade de amar. Por isso, cada pessoa que encontra provoca Nele um movimento de caridade. Quando São Bento pede aos monges que "suportem as suas enfermidades físicas e morais com grande paciência" (RB 72,5), não nos convida a uma passividade, mas dar um passo em frente na caridade que "suporta todas as coisas" (1Cor 13,7), na caridade que percorre duas milhas com aqueles que pedem uma (cf. Mt 5,41).

Suportar com paciência nos parece, muitas vezes, uma posição que nos oprime, que apaga a vida em nós. Em vez, é desta forma que o bom zelo se acende com "ferventíssimo amor" (72,3). É como soprar sobre as brasas para que a chama se reacenda. E isto vale para tudo o que a estabilidade na comunidade implica: estar sujeito aos superiores, assumir os serviços que foram pedidos, estar sempre perto das mesmas pessoas, recomeçar a cada dia a seguir um horário que nunca muda, etc. Tudo parece monótono, parece que tudo mortifique a vitalidade do nosso carácter, dos nossos talentos, das nossas ambições e paixões. Mas não, é este "parar" na estabilidade da comunidade que permite que a chama da caridade se torne cada vez mais ardente, viva, capaz de aquecer e iluminar o mundo.

Os monges "dediquem-se castamente à caridade fraterna – *caritatem fraternitatis caste inpendant*" (72,8). São Bento tem certeza de que a castidade faz crescer o amor, não por se manter afastado das pessoas, mas por se deixar despertar e moldar por relações fraternas, por tudo o que os irmãos ou irmãs da minha comunidade me pedem, sobretudo quando me pedem paciência, misericórdia, perdão. Uma relação difícil não extingue o amor. Pelo contrário: o torna ainda mais ardente, mais gratuito, mais divino, porque é mais pedido por Deus e aceito por Ele, pelo Pai misericordioso, pelo Filho crucificado, pelo Espírito Consolador.